

Editorial

Adriana Lopes Moreira

Universidade de São Paulo, Brasil

Afonso Medeiros

Universidade Estadual do Pará, Brasil

Cássia Navas

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Ensaçadas nas vanguardas do início do século XX, ativas e sistematicamente instauradas a partir dos anos 1960, as ações e reflexões construídas sobre plataformas multidisciplinares figuram entre as mais interessantes contribuições estéticas e intelectuais das diferentes manifestações artísticas.

Com muitas formas estratégicas de dar-se a perceber e comunicar, a criatividade segue estruturando a concepção teórica de si mesma, apoiada em substantivos e adjetivos tão determinantes quanto libertários: interdisciplinar, transdisciplinar, multidisciplinar, intermídia, obra de arte total, intersemiótica, atravessamentos, hibridismos.

Propondo discutir interlocuções interdisciplinares no campo da arte (e dela com outros campos), assim como apresentar (ou problematizar) suas perspectivas multidisciplinares, esta primeira edição de 2017 da revista *ARJ* reúne – no dossiê temático “Perspectivas multidisciplinares no campo da arte” – ensaios oriundos de pesquisas envolvidas em reflexões e manifestações intra e interartísticas.

Desta maneira, o conceito de gradação é o ponto de toque de processos em literatura, artes visuais e música trazidos pelo pesquisador argentino, radicado no Brasil, Claudio Horácio Vitale, no artigo “A gradação e sua relação com as estruturas do discurso, as formas visuais e os processos musicais”. A precisão no desenvolvimento passo a passo do poema “O corvo”, de Edgar Allan Poe, as velocidades de gradação no *continuum* de desenhos gráficos e a autossimilaridade das imagens contínuas formadas por ínfimos desvios de Piet Mondrian são relacionados

à concepção rítmica do compositor György Ligeti. A clareza na condução do texto vai aos poucos transformando também a compreensão rítmico-estrutural do leitor frente às obras artísticas analisadas, tanto através de uma apreensão conceitual, como de percepção sensorial.

Por sua vez, no artigo "A escultura, o vídeo e a dança: pensamentos sobre a consistência do gesto", Felipe Ribeiro toma a noção de espaço como um "circuito complexo de gestos, matérias e percepções" e, sob esta tríade, considera que a dança possa também ser encarada como "um tanto de cinema e escultura", com a consistência do gesto podendo estar numa espécie de interstício entre *metacampos* artísticos. O fundamental texto apresenta, ainda, uma proposta de investigação da obra em vídeo do escultor Richard Serra em relação à "performatividade" do corte, presente na colaboração entre o cineasta Thierry de Mei e a coreógrafa Anne Therese de Keersmaeker.

O artigo "Sugestões de conceitos para reflexão sobre a arte contemporânea a partir da teoria e prática do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos", de Bia Medeiros, tem foco no trabalho do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos (GPCI), em narrativa histórica, performática e propositiva em torno de uma trajetória cênica de um Brasil que escorre pela América Latina. Apresentando conceitos para a reflexão sobre a arte contemporânea a partir da teoria/prática do grupo/coletivo/companhia, o texto apresenta um relato, circunstanciado e enraizado em referências de fundamento, da proposta do Corpos Performáticos, grupo coordenado pela autora. Sendo a performance em artes da cena um campo com pouca – ainda que crescente – referencialidade quanto à reflexão sobre grupos coletivos ou "gente mancomunada" (como nas palavras da autora), importante é a difusão de um texto sobre uma "escritura de/em ação", sobretudo em tempos nos quais o trânsito entre narrativas escritas e narrativas de/na prática está a carecer de uma certa liberdade, pela qual se apresentem mais vozes autorais, um tanto raras no atual contexto do crescimento dos estudos universitários, certos deles baseados em cultura "livresca" e de citações (é uma fase, mas parece estar em toda a parte).

Partindo da constatação da multiplicidade de profissionais, instituições, dispositivos e organizações que permeiam a alta complexidade dos circuitos e sistemas das artes na contemporaneidade e convocando a historicidade dos meios de produção artística preconizada por Walter Benjamin, Lúcia Santaella aborda, em "A condição

inter e transdisciplinar da arte na cultura contemporânea”, a multifacetada produção artística a partir da característica mais saliente da cultura contemporânea, qual seja, a hibridação de seis eras culturais (da cultura oral à cibercultura). Cada uma destas eras é tratada mediante suas respectivas formulações e lógicas, sem deixar de sublinhar que “cada formação cultural foi capaz de criar sistemas de signos, tipos de organizações de linguagem, representações da realidade e, sobretudo, formas artísticas que lhe são próprios”. Neste contexto, a autora afirma que a cultura atual, “essencialmente heteróclita, híbrida, descentralizada, reticulada e baseada em módulos autônomos”, manifesta particularmente no campo da arte suas heterogeneidades temporais e espaciais. São essas formas artísticas próprias da contemporaneidade hipercomplexa evocadas, numa atitude típica do “historiador-sismógrafo”, que Georges Didi-Huberman (2013) observou em seu “A imagem sobrevivente”, a partir de Aby Warburg e Walter Benjamin.

Tendo como articulador do discurso o relacionamento de grupos populacionais brasileiros junto ao gênero operístico, no artigo “Visões cinematográficas da ópera nos trópicos”, Paulo Kühl traz considerações sobre os filmes *Orphée Noir*, de Marcel Camus, e *Fitzcarraldo*, de Werner Herzog, e evidencia algumas dificuldades brasileiras germinais de hibridização cultural. No ínterim desse argumento, considera a formação de uma oposição entre europeização e “aclimatação” sendo refletida em visões sobre estudos artísticos no Brasil.

Esta edição também é composta de quatro outros textos, selecionados a partir de submissões recebidas em permanência, tendo em vista que o *ARJ* possibilita que autores proponham, em fluxo contínuo, artigos para suas edições.

Evelyn Furquim Werneck Lima, em “Antigas estruturas para encenações teatrais contemporâneas: um galpão, uma arena e um palco elisabetano”, aborda a arquitetura e os espaços teatrais, que, se modificando ao longo dos séculos, estão, permanentemente, a requerer novas apropriações do espaço, como é o caso de três encenadores brasileiros contemporâneos: José Celso Martinez Corrêa (*Os Sertões*, 2007), Miguel Vellinho (*Peer Gynt*, 2006) e Gabriel Villela (*Romeu e Julieta*, 2000).

No artigo “As gravações históricas da canção *Desafinado*: desdobramentos da bossa nova no cenário internacional”, Liliana Harb Bollos, Fernando A. de A. Corrêa e Carlos Henrique Costa percorrem os caminhos das diversas versões dessa obra musical referencial composta por Tom Jobim e Newton Mendonça. Por um lado,

buscam estabelecer permanências, em suas diversas versões de execução, que possam caracterizar uma partitura mais próxima da concepção primeira da obra e, por outro, procuram mapear desdobramentos no cenário musical que, de alguma forma, possam tê-la como fator motivador em âmbito internacional.

O texto de Carolina Romano de Andrade e Kathya Maria Ayres de Godoy, "A formação do professor para a dança: reflexões sobre um curso de formação continuada", apresenta uma reflexão sobre a formação continuada de professores para a dança a partir da estruturação e observação de um campo, mediante o projeto "Poéticas da Dança na Educação Básica", pelo qual foi oferecido um curso para professores das áreas de Educação Física, Pedagogia e Dança, com foco na ação "O Corpo Inventa História".

Por fim, em "Memória, poética e política: uso e desuso dos objetos", Sainy C. B. Veloso reflete sobre o percurso de Selma Parreira nas artes visuais, revisitando sua trajetória de fotografias, desenhos, pinturas e vídeo na relação com a memória em objetos do cotidiano pessoal ou profissional de terceiros, inclusive do espólio de sua família. Significados e importância de sua produção têm como referência final a exposição realizada em 2016.

Somados ao dossiê, os quatro artigos fortalecem uma revista acadêmica que, a partir de proposição da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, passa a ser responsabilidade de três associações brasileiras de pesquisa e pós-graduação, todas elas motivadas pelo desejo da difusão do conhecimento da sua área de Artes, numa articulação técnica, ética e política entre *corpus* e corpos da arte e suas corporações.